

A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA POR MEIO DOS MUSEUS

THE IMPORTANCE OF PRESERVATION OF MEMORY THROUGH THE MUSEUM

Isabela Dalavalle¹
Rangel Oliveira Matoso²

DALAVALLE, I; MATOSO, R. O. A importância da preservação da memória por meio dos museus. **Akrópolis**, Umuarama, v. 18, n. 3, p. 237-242, jul./set. 2010.

RESUMO: A presente pesquisa abordará a importância da preservação da memória dentro de museus, casas de memória, bibliotecas ou simplesmente num pequeno acervo particular. Serão discutidos conceitos de memória, a partir de uma breve abordagem histórica sobre o assunto, bem como a importância da cautela no manuseio das fontes históricas, objetivando que os procedimentos sejam realizados corretamente dentro dos museus, casas de memória, etc.

PALAVRAS-CHAVE: Museu; Museologia; Acervo; Patrimônio histórico; Memória.

ABSTRACT: This research will highlight the importance of preserving the memory inside of the museums, houses of memory, libraries, or simply a small private library. This work will also discuss some concepts of memory, from a historical approach on the subject, and the importance of caution in the handling of historical sources, in order that the procedures are performed correctly within the museums, houses of memory, etc.

KEYWORDS: Museum; Museology; Heritage; Historic patrimony; Memory.

¹Acadêmica do 3º ano o curso e Licenciatura Plena em História da Universidade Paranaense – UNIPAR – *campus* Cascavel.

²Docente do curso e História – UNIPAR – *campus* Cascavel. Graduado em Licenciatura Plena em História e Especialista em História do Brasil – Cultura e Poder pela Universidade Paranaense – UNIPAR – Cascavel.

INTRODUÇÃO

Os museus, longe de serem meros depósitos do passado, estão hoje comprometidos com o futuro de cada nação, estudando e tornando compreensíveis os elos que nos unem aos nossos antepassados, para que possamos identificar como parte de uma mesma herança cultural e, assim, construirmos um futuro mais digno e coerente para os que virão depois.

Os museus possuem também a capacidade de revelar para o visitante que ele mesmo faz parte do processo histórico, e nesta mesma perspectiva, este estudo observará: o que é a memória, a preservação e conservação do documento/monumento, e a importância dos museus e casas de memória no papel de proteger estas fontes para que o pesquisador possa ter a satisfação em ter um lugar, um centro de conservação de fontes primárias para que possa desenvolver seus trabalhos.

MEMÓRIA

A palavra *memória* tem origem no latim *memória* e no grego *mnemosyne*, assim era identificada a “musa mãe”, divindade mitológica responsável pela memória/lembrança dos artistas e poetas gregos.

“Memória é essencialmente um ato de evocação, isto é, o ato de recuperar mentalmente a imagem; portanto, é um ato de representação do real que se dá através de imagens mentais, pois o passado enquanto tal não volta. Ele retorna apenas na lembrança a evocação/lembrança dessa imagem se dá através de diferentes suportes de memória que podem ser de natureza iconográfica, fotográfica, álbuns, etc.; de natureza objetual, com os diversos tipos de objetos materiais associados a uma determinada memória e que compõe o universo dos bens ou patrimônios materiais; de natureza perceptiva e sensorial, quando desencadeada por idéias/associações, e de natureza do universo da “memória dos sentidos”, sons, ruídos e cheiros que compõem o rico e diversificado universo denominado de bens ou patrimônios imateriais.” (FELIX p. 23)

Segundo Jean Jacques Le Goff: “A memória, como propriedade de conservar certas in-

formações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (história e memória pg. 419).

O tema memória se divide em três grandes grupos, memória individual, memória coletiva e memória nacional.

A memória individual nada mais é do que a história de vida, a memória coletiva/social é a memória/lembranças de um grupo situado espacialmente e temporalmente. Essas memórias podem ter cunho político, mítico simbólico, etc, e se esta memória se aplica em dois tipos de materiais: documento, e os monumentos. Já a memória nacional é mais complexa, ela é entendida também como memória oficial, aponta um caráter mítico e heróico.

“A noção de aprendizagem, importante na fase de aquisição da memória, desperta o interesse pelos diversos sistemas de educação da memória que existiram nas várias sociedades e em diferentes épocas: as mnemotécnicas³. (LE GOFF p. 420)

Atualmente há uma grande preocupação com a preservação da história/memória. Museus e casas de memória, de pequena à grande porte, são criados com o intuito de se preservar a história local, ou de uma determinada família, ou a história regional, etc.

Mas quando isso teve início? Quando esta preocupação veio à tona?

Se puxarmos para Antiguidade Clássica nos depara com a famosa e lendária Biblioteca de Alexandria, que foi criada com o objetivo de preservar e divulgar a cultura nacional, foi também frequentado por figuras ilustres como os filósofos Aristóteles e Aristófanos de Bizâncio, o matemático Euclides de Alexandria entre outros. No interior da biblioteca aprendia-se muito, pois o seu acervo contava com aproximadamente 500.000 volumes e acredita-se ter alcançado a marca de 1.000.000 volumes. A biblioteca foi parcialmente destruída inúmeras vezes, mas por volta do ano de 641 d.C. foi destruída em um incêndio, que alguns pesquisadores dizem ter sido causado pelos árabes e outros pesquisadores dizem que foi um incêndio acidental causado por Júlio César.

A primeira exposição de objetos organi-

³Mnemotécnicas: arte de cultivar e desenvolver a memória

zados foi realizada pelo Papa Pio XI, seu acervo era composto de artefatos religiosos, muitos destes ainda estão em exposição no museu do Vaticano.

Por todo o mundo vamos encontrar museus com diversidades ímpares, mas com uma única função, preservar a memória.

Durante o renascimento, o homem se torna o centro do universo, os acervos ganham suntuosidade e requinte, vários objetos eram oferecidos por famílias da alta burguesia, que tinham prazer em ver seus objetos expostos.

Aqui no Brasil, nos deparamos com uma cultura rica de variações por todo o território, tendo os nossos principais destaques como o Museu do Ipiranga – SP, com sua arquitetura monumental, agregam em seu acervo objetos, iconografias e documentação arquivística com datação de até meados do séc. XX, essas peças são desde o princípio da colonização do país até os primórdios da república.

Temos a cidade de Ouro Preto – MG, que é tombada pelo Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade – UNESCO – e dentro da cidade encontra-se vários museus de suma importância na história do país, como o museu da Inconfidência Mineira, a Casa dos Contos, entre outros.

A maioria dos museus no Brasil está ligada ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, este é um órgão criado pelo governo que legalmente é responsável pela preservação, restauração e conservação da memória do país.

Lygia Costa Martins cita em seu livro: De Museologia, Arte e Política de Patrimônio, explica como se desenvolveu a criação do IPHAN.

“Este conceito lato de bem cultural não é tão recente como alguns querer fazer crer. Seguindo a trilha de Mário de Andrade e outros, foi introduzido no país desde fins da década de 1930 pelo então recém criado SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Lei nº. 378, de 13.01.1937) -, entregue à direção de Rodrigo M.F. de Andrade. Que não tardou a aplicá-lo, discreta e sabiamente, sem exemplo similar. Através dos museus monográficos que organizou fora dos grandes centros, sobretudo os museus da Inconfidência (1938), o das Missões (1940) e o do Ouro (1945), da introdução neles um programa definitivo, inteiramente original, pelas inclusões nas coleções de peças descon-

sideradas até essa data por sua singeleza, liberdade plástica ou caráter utilitário; através, finalmente, do partido que tirou dos respectivos acervos, por uma consciência e acurada apresentação, constituindo-se em verdadeira revolução museológica e em impacto nas áreas mais informais do país.”(MARTINS p. 26)

Nesta perspectiva, observamos que os museus representam as maneiras das sociedades exporem o seu passado e os seus representantes, as formas de dispor sua cultura material, os processos de preservação e conservação do patrimônio público e ainda representam escolhas e lacunas dentre infinitas possibilidades. Enfim, são espaços que dão a ver, por meio de objetos, acervos diversos e coleções, as relações sociais que os homens estabeleceram entre si e com a natureza, com diferentes culturas ao longo do tempo.

Não podemos deixar de falar sobre os acervos que os veículos de mídia possuem, todos os programas que são gravados para televisão, são armazenados e servem também como fontes de pesquisa, principalmente os materiais de telejornais, pois são relatados todos os acontecimentos mundiais, acontecimentos de algum determinado país, ou reportagens locais.

Estes acervos e telejornais guardam a imagem o áudio relatado, guarda a memória de uma forma mais acessível, mas não podemos nos esquecer de que os telejornais recebem influências políticas isso faz com que a reportagem penda mais para um lado o que para o outro.

Os acervos e jornais de circulação diária, também são muito ricos, por que também relatam os acontecimentos o dia a dia mundial nacional e local. É a memória sendo coletada, transmitida ao povo, mas normalmente isso não é leva em consideração quando estamos lendo o jornal pela manhã.

Logo que uma vila começa a se desenvolver, logo aparecem os primeiros folhetins, para informar a população sobre os acontecimentos locais, regionais e nacionais. Assim que esta vila vai crescendo e se desenvolvendo e tomando portes de cidade estes folhetins se tornam os principais jornais locais, se não o principal, desde o princípio este jornal já tem guardado em seu acervo os primeiros folhetins até o último jornal impresso. Esses documentos servem como material para pesquisa, pode-se fazer uma análise muito vasta de toda a época

por meio dele, podemos fazer comparações de todos os momentos vividos, mais não podemos nunca esquecer de que todo o veículo de mídia, tanto televisão quanto os jornais impressos e revistas, recebem influência política e cabe ao pesquisador ter este discernimento.

DOCUMENTO

“O termo latino DOCUMENTUM, derivado de DOCERE (ensinar), evoluir para o significado de ‘prova’ e é amplamente usado no vocabulário legislativo (...). O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início o século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si à internacionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho ESCRITO.” (LE GOFF. p. 536)

Desde a invenção a escrita, diariamente documentos são criados e anexados à história, desde os desenhos rupestres nas cavernas da pré-história, os grandes discursos ditatoriais, o hino de um país, um poema, uma canção, um contrato, um documento qualquer, ele pode fazer parte de uma micro história ou até de uma macro história.

“Esta revolução é, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa. O interesse da memória coletiva e da história já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar. Interessa-se por todos os homens, suscita uma nova hierarquia mais ou menos implícita dos documentos; por exemplo, coloca-se em primeiro plano, para a história moderna, o registro paroquial que conserva a memória todos os homens (...). O registro paroquial, em que são assinalados, por paróquia, os nascimentos, os matrimônios e as mortes, marca a entrada na história das ‘massas dormentes’ e inaugura a era da documentação de massa.” (LE GOFF p. 541)

Todo e qualquer documento criado, com a intenção de se registrar algo, é propriamente dito um documento-monumento, pois nele se guarda o relato de uma memória, e assim pode ser utilizado para pesquisas futuras.

Nesta perspectiva, o historiador tem o papel de interpretar este documento, saber fa-

zer uma análise crítica e coerente para que se possam extrair todas as informações necessárias dele, retirar dele somente o necessário, sem acrescentar nada, pois aí o historiador estará mentindo em sua pesquisa.

“O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntários ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo(...). É preciso começar por demonstrar, demolir, esta montagem desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.” (LE GOFF. P. 548)

MUSEU

O museu nada mais é do que um espaço físico que abriga e protege a memória palpável, dentro deste espaço ele poder receber divisões e subdivisões que ajudará na organização do seu acervo.

“A máquina montada que é um museu só se justifica pela presença do público. Da criança ao adulto, do analfabeto ao homem mais ilustrado, todos devem encontrar nele em interesse para sua inteligência e sensibilidade. A criação de condições eficazes para todos é um dos grandes trabalhos dos museólogos. Um constante desafio. Porque, mais do que qualquer outra entidade, o museu leva ao entendimento do mundo em todos seus aspectos. O público culto busca-o naturalmente, mais o público dos níveis elementar e médio deve ser atraído por ele. E, ainda mais, há de se considerar que, para essas faixas, o simples VER não basta para COMPREENDER e SENTIR – a mensagem museológica, para ser aprendida, exige complementação concreta que supra os dados um tanto abstratos da exposição. Sobretudo para alcançar o SENTIR. Daí o empenho do museu em trazer a criança e dar-lhe um atendimento diferenciado nos serviços educativos. No que se diz respeito ao jovem, a orientação visa a induzi-lo a descobrir por si o que se lhe apresenta.” (MARTINS p. 46)

Dentro desta perspectiva, podemos analisar que o museu compreende a visitação de todos os níveis de intelecto, nele tem que se utilizar uma linguagem acessível a todos os públicos. Assim, o interesse não se perde no come-

ço de uma visitação mas sim se desenvolve no decorrer dela, transformado-a num atrativo do começo ao fim.

Há uma grande preocupação com a história regional, pequenas cidades que contribuíram no desenvolvimento histórico do Brasil têm a necessidade de deixar esta memória preservada para que no futuro todos saibam e tenham orgulho disso, que esta memória não caia no esquecimento, não se torne insignificante.

“O museu regional, como o próprio nome diz, exerce essa ação na área que lhe cabe. É o intérprete da verdade de uma região. Preservando e explorando culturalmente o acervo que constituiu, e que reflete diferentes realidades locais, traz em si uma carga que o liga à gente da terra, a suas tradições, seu modo de ser. E as comunidades, ao verem reunidas e articuladas esses remanescentes familiares, passam a compreender o processo de sua própria civilização, com tópicos que desde o berço ouviram contar. E assim, cada indivíduo descobre a sensação de integração total com seu meio.”(MARTINS p. 29)

Os museus locais são os melhores exemplos de como preservar a memória no seu estado puro. Um museu regional, para ser de boa qualidade, não precisa ser grandioso, cheio de requintes e tecnologias, ele só necessita ter uma considerável atenção das autoridades locais, tendo pessoas qualificadas para este tipo de trabalho, e receber apoio das instituições educacionais de nível superior da região neste sentido.

“A qualidade de um museu regional e sua atuação independem de seu tamanho. O que realmente conta é o zelo que as autoridades tenham por ele, a qualificação do seu diretor e o perfeito entendimento entre os dois tipos de autoridades responsáveis. Relação bafejada pelo envolvimento com as universidades próximas, no sentido de comprometê-las com as realizações científicas da instituição.”(MARTINS p. 30)

Não podemos deixar de levar em consideração que a exposição das peças dentro desses museus, a sua disposição tem q instigar/atrair o visitante, tem que se ter uma temática inicial, uma seleção de peças do acervo e a montagem da exposição, tudo isso sem esquecer de tornar

a exposição atrativa e não cansativa.

“Eclético ou monográfico, integrado ou separado as coleções, o museu não pode prescindir de um planejamento, que lhe dará o plano-diretor a ser seguido. Mas como terá que aguçar tanto o intelecto quanto a sensibilidade do visitante, o bom gosto deve presidir à apresentação basicamente científica.”(MARTINS p. 31)

Lygia Costa Martins ainda ressalva em seu livro:

“Cada estado e município detectando, especulando e preservando o seu patrimônio regional, estará conhecendo, assumindo e honrando legados seu, que é, ao mesmo tempo, patrimônio do país. E, nesse encargo, o museu regional terá papel decisivo. Razão por que o IPHAN recomenda e estimula a sua criação. Por todo o território nacional”.

A museologia e os museus não fogem à regra, tendo um determinado modo de “olhar” de interpretar, de captar a realidade. A compreensão de que a museologia e os museus são fragmentários Freyre⁴ a interpretar: “*mas não serão os verdadeiros museus constituídos de retalhos ou de pedaços substanciais dessas realidades?*” Nenhum museu é total.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa podemos observar o quanto a memória é importante na história, sem ela a história não existiria, assim vemos que a sua preservação é muito importante.

Os museus/casas de memória são fundamentais neste ponto, pois é lá que a memória vai poder ser manipulada corretamente, além de possibilitar a conservação física encontra por pessoas especializadas ou que tenham um mínimo de noção de preservação e conservação. Assim a memória (documento) será agrupada em acervos, provavelmente junto com outros da mesma época ou de assunto semelhante.

Além disso, quando algum pesquisador for atrás de fontes primárias para suas pesquisas, ele poderá recorrer a estes locais, pois lá deverão se encontrar várias fontes sobre o assunto desejado só cabendo a ele encontrar quais

⁴Freyre, G. Ciência do homem e Museologia: sugestão em torno do museu do homem do nordeste do Instituto. Joaquim Nabuco e pesquisa e sociedade. Recife, 1979. I/NPS, p.45-54.

DALAVALLE, I; MATOSO, R. O.

serão o seu foco em sua pesquisa.

REFERÊNCIAS

COSTA, L. M. de. **Museologia, arte e política de patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, MINC, IPHAN, 2005.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

FELIX, L. O. Política, memória e esquecimento. In: TEESCO, J. C. (Org.). **Usos da memória**. Passo Fundo: UPF, 2002.